

Desenvolvimento Social
(exclusão dos)

AJ 20040

Polícia discrimina 51% dos negros

Pesquisa realizada em todo o país e divulgada ontem mostra que, entre os brancos, número cai para 15%

MARCOS MONTEIRO, PAULA STANGE E ANA LAURA NAHAS

Metade da população negra no Brasil foi, em algum momento, discriminada pela polícia. Ofensas verbais, ironias e agressões fazem parte do tratamento dispensado a 51% dos afro-brasileiros por policiais, enquanto entre os brancos o número cai para 15%, segundo mostra a pesquisa "Discriminação Racial e Preconceito de Cor no Brasil", divulgada ontem.

O estudo, realizado no final de 2003 pela Fundação Perseu Abramo em parceria com o Instituto Rosa Luxemburgo, da Alemanha, ouviu brancos e negros com mais de 16 anos, em 266 municípios brasileiros, incluindo todas as capitais e 834 setores censitários definidos pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

O resultado da pesquisa confirma o drama que chocou o país na semana passada, quando o dentista paulista Flávio Ferreira Sant'Ana, 28 anos, que era negro, foi assassinado por policiais militares, por ter

sido apontado como ladrão por uma suposta vítima, sem que fosse sequer ouvido.

Estatísticas

No Espírito Santo, não há pesquisas ou estatísticas que apontem o número de ocorrências policiais entre as diferentes raças. Mas, de acordo com o presidente do Conselho Estadual dos Direitos Humanos (CEDH) e diretor do Centro de Estudos da Cultura Negra, Isaías Santana, 80% dos presos capixabas são negros ou afro-descendentes, e o índice ajuda a avaliar a amplitude da discriminação policial contra negros.

"Nos demais Estados brasileiros, a situação não é muito diferente", garante. Segundo ele, suas afirmações têm como base uma série de conversas mantidas durante um encontro nacional de secretários de Justiça, realizado no Espírito Santo em julho do ano passado.

Para Santana o tratamento que é dado ao detento no sistema prisional brasileiro assemelha-se aos castigos adotados na época da escravidão. "São locais privilegiados para a prá-

tica da tortura e verdadeiros campos de concentração ou exclusão social", afirma.

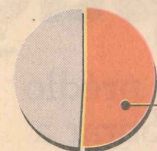
No Espírito Santo, diz o presidente do CEDH, o problema é crítico, como também nos Estados do Rio de Janeiro, Pernambuco e Bahia. "Paraná, Rio Grande do Sul e Santa Catarina estão no caminho certo", destaca.

Sem ficção

A situação se repete, embora em muito menor escala, entre negros que, por causa do trabalho, alcançaram a fama, como os atores mirins Darlan Cunha e Douglas Silva, o Laranjinha e o Acerola do seriado "Cidade dos Homens", da Rede Globo.

Os dois já declararam terem sido discriminados diversas vezes por policiais. O sambista Dudu Nobre também passou por situação semelhante.

Certa vez, enquanto dirigia, foi barrado por um policial, que, ao ver seus documentos, teria comentado que ele estava usando o carro do patrão. "Falei para a autoridade: 'Você não tá entendendo que o patrão aqui sou eu'", contou o sambista.



Discriminação

Uma pesquisa divulgada ontem pela Fundação Perseu Abramo revela que **51% dos negros já sofreram discriminação por parte da Polícia**



Dos negros

24%

Dos brancos

22%



Polícia Militar

69%

Polícia Civil

23%

Percentual dos entrevistados que relataram ter sido abordados por policiais sem motivo aparente

De todos os que se sentiram discriminados (brancos, negros, pardos e indígenas) acusam a:

As formas da agressão

Foram vítimas de ofensas

- Brancos 12%
- Negros 18%

Foram tratados com ironia

- Brancos 10%
- Negros 13%

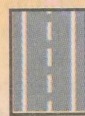
Foram forçados a assumir coisas que não tinham feito

- Brancos 2%
- Negros 4%
- Indígenas 7%



Os locais da discriminação

60%



Na rua

18%



No trabalho

14%



Na escola

Os negros entrevistados também foram discriminados

No lazer

Os brancos sofrem menos de um quarto da discriminação em relação aos negros (2% e 9%, respectivamente)

Na saúde

6% dos negros entrevistados foram discriminados, contra 1% dos brancos

Quem discrimina

62% das pessoas que discriminaram os entrevistados pela pesquisa são de cor branca

78% dos negros foram discriminados por brancos e 12% dos brancos se sentiram discriminados por negros

60% dos entrevistados foram discriminados nas ruas

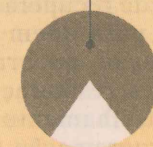
78% das vítimas não tomaram providências para punir as discriminações

No sistema carcerário

O Espírito Santo tem hoje

2.976 presos

Destes, cerca de **80% são negros ou afro-descendentes**



Genildo/A Gazeta/Ed. de Arte

A dor do preconceito

'TODO NEGRO É CULPADO ATÉ QUE SE PROVE O CONTRÁRIO'

Um incidente em São João Del Rey, interior de Minas Gerais, há cerca de três anos, mostrou ao padre Dario Ferreira da Silva, 50 anos, o peso da cor de sua pele. "Durante um assalto, levei um tiro. Estava sangrando muito e os policiais não levaram muito a sério, porque diziam que eu havia sido estuprado, que estava bêbado, em uma



pa é do processo histórico que inclui a escravidão, a libertação em condições opressoras. A Polícia devia saber disso", diz.

Segundo ele, os resultados da pesquisa da Fundação Perseu Abramo e do Instituto Rosa Luxemburgo de fato refletem o que centenas de negros vivem diariamente. "Eu diria que atualmente o

Eles chegaram lá

DETERMINAÇÃO AJUDOU A CONQUISTAR VAGA

A história de vida do assistente administrativo José Arnaldo dos Santos, 42 anos, é igual a de outros milhões de brasileiros negros. Mas a determinação em ter um futuro com menos dificuldades fez com que ele conseguisse ficar fora das estatísticas que mostram que ensino superior no

minha vitória", comemora. O mais novo universitário é consciente de que é exceção no país. "O negro pobre sempre leva desvantagem. O difícil é ter que trabalhar e estudar. Mas o importante é nunca desistir", diz. Santos conta que passou por muitas discriminações por causa

as próprias oportunidades. Para quem estudou a vida inteira em escolas públicas, Ildete Ribeiro teve sua primeira conquista ao se formar em Ciências Contábeis, em 1992, pela Ufes. Dez anos depois, a contadora tentou novamente uma vaga na universidade, dessa vez para o

que estava bêbado, em uma zona boêmia”, relembra. Padre Dario Silva conta que ficou por 12 horas à espera de atendimento. O resultado da descensão policial e da demora dos médicos, em seus cálculos: três dias em coma por causa da perda de sangue, dez dias na Unidade de Terapia Intensiva (UTI) e uma operação de colostomia. “No Brasil, todo negro é culpado até que se prove o contrário”, afirma o padre. Na sua opinião, faltam oportu-



nidade aos afro-brasileiros e conhecimento à maioria dos policiais. “Se o negro hoje é favelado, subempregado ou menor de rua, a cul-

“Eu diria que atualmente o negro tem o branco sorrindo para ele com um revólver apontado nas suas costas”, afirma. Mas, ele pondera, há esperanças, e muitas. “O movimento contra a opressão dos negros tem crescido muito. Agora reivindicamos as cotas. O Brasil tem uma dívida muito grande com os negros e ela tem que ser paga. Se queremos nos igualar, temos que dar condições para os negros”, defende.

mostram que atualmente o Brasil é privilégio para brancos. Depois de anos fora da escola, o mineiro, que se mudou para o Espírito Santo ainda criança, decidiu que era hora de correr atrás do sonho de entrar para a Universidade. Foram quatro tentativas, até que Santos conseguiu a aprovação para o curso de Educação Física na Ufes. “Prestei vestibular em outras três faculdades particulares, mas não tenho condição de pagar. Tinha que ser na Ufes mesmo. Até agora estou saboreando

muitas discriminações por causa de sua cor. Sua pior lembrança é de quando perdeu o emprego para recepcionista de hotel. “Eu era cozinheiro do hotel e queria subir de posto. O gerente disse que a vaga estava ocupada, mas depois fiquei sabendo que outro homem, que era branco, ficou com o emprego”, relembrou. Outro caso que foge à regra no Brasil é o da contadora Ildete Ribeiro Pereira, 35 anos. Filha de uma empregada doméstica e um porteiro, e mãe de cinco filhos, ela é um exemplo de quem criou

universidade, dessa vez para o concorrido curso de Direito. Mesmo reprovada na segunda fase, Ildete Ribeiro não desistiu e, neste último vestibular, foi aprovada. “Não teria como seguir essa carreira se não entrasse na Ufes. Além dos meus filhos, pago aluguel da minha casa, do escritório e do salão do meu marido”, comentou. Estudiosa, a mais nova caloura de Direito diz que vai mais longe. “Quando terminar o curso, quero prestar vestibular para Administração”.

Grupo discute cotas na Ufes

A Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes) deu um novo passo no debate sobre a reserva de vagas para alunos da comunidade negra, afrodescendentes e egressos da rede pública de ensino.

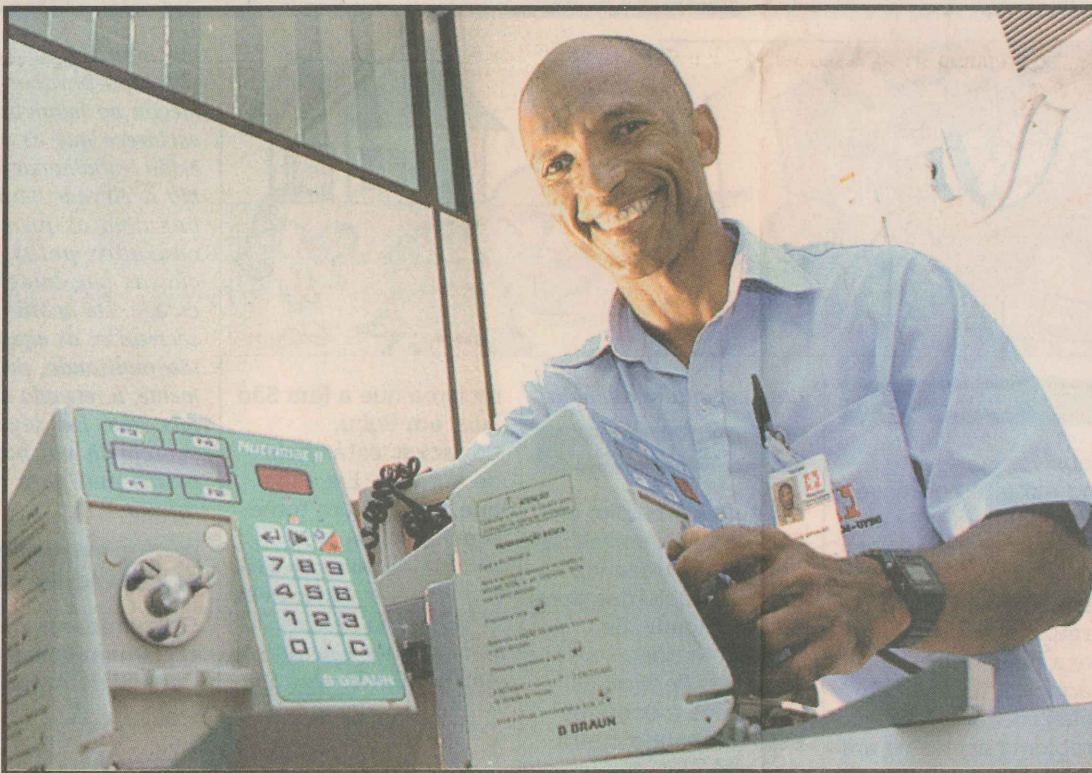
Uma comissão formada por professores, alunos e servidores vai formalizar a discussão sobre o assunto e, num prazo de 90 dias, apresentará o projeto com critérios para o acesso aos cursos da universidade.

Se adotar a medida, a Ufes vai aderir à forma mais polêmica de ação afirmativa: a criação de cotas para negros entre as vagas do ensino superior. “A Ufes não vai ficar alheia a essa discussão”, garantiu o reitor Rubens Sergio Rasseli.

Segundo ele, a posição da universidade deverá ser a mais abrangente possível, sendo o resultado de uma consulta à comunidade capixaba. “Vamos discutir as melhores alternativas no sentido de ampliar o acesso da comunidade negra e de alunos da rede pública ao ensino superior”, assinalou.

De acordo com Rasseli, a comissão vai conhecer outras experiências e identificar as dificuldades encontradas. “Sabemos que esse processo de inclusão educacional no ensino superior não é fácil. Há muita resistência, mas o nosso objetivo é abrir o debate na busca das melhores soluções”, acrescentou.

Já o ouvidor da instituição, Vinícius Costa de Mendonça declarou, em entrevista ao jornal A GAZETA, na última se-



Carlos Alberto da Silva

Bom exemplo

gunda-feira, ser contra a instituição de cotas para negros.

No Brasil

O debate sobre o tema ganhou força no país em novembro de 2003, quando o presidente Luiz Inácio Lula da Silva instituiu a Política Nacional de Promoção da Igualdade Racial (PNPIR). O decreto define, entre outras coisas, o incentivo à adoção de políticas de cotas nas universidades e no mercado.

A Universidade de Brasília

José Reinaldo dos Santos contrariou as estimativas que envolvem os negros no país e, apesar da falta de condições, chegou ao ensino superior

(UNB) adotará cotas de 20% para alunos negros a partir de julho deste ano. Outras quatro instituições de ensino superior brasileiras já incorporaram esta política: a Universidade Estadual da Bahia, a Universidade Estadual do Rio de Janeiro, a Universidade Estadual do Mato Grosso do Sul e a Universidade Federal de Mato Grosso.

Participam da comissão os professores Adriana Pereira Campos, do Centro de Estudos Gerais; Dulcinéia Benedicto Pe-

drada, do Centro de Educação; Gutemberg Hespanha Brasil, do Departamento de Física; Edmilson Costa Teixeira, do Centro Tecnológico; e Marco Antônio Olsen, do Centro de Ciências Jurídicas e Econômicas.

Também participam da comissão as alunas Gabriela Santos Alves, mestranda em Estudos Literários; e Ana Lúcia da Rocha Conceição, do curso de História. Marcelo Rosa Pereira é representante dos servidores da Ufes.

A favor e contra

ASSUNTO GERA POLÊMICA NO CAMPUS



Carlos Mendonça, ouvidor da Ufes

Rubens Rasseli, reitor da Ufes

Reconheço todo o processo histórico de discriminação contra a comunidade negra no país e acredito que a elite brasileira tem uma dívida ética e moral com os negros. Mas vejo a criação do sistema de cota para negros mais como uma estratégia política de conciliação do que como um caminho de democratização das oportunidades no interior das universidades. O Brasil é um país de mestiços, o que faz com que essa medida esbarre na questão da autodeclaração da descendência. Defendo que a garantia de acesso à Universidade seja guiada por critérios sócio-econômicos. Além do mais, a criação de cotas poderia reforçar o preconceito, uma vez que o aluno entraria por meio de uma concessão legal e não pela sua capacidade.

Entendo que o ensino público deve ser universal e que todos, igualmente, devem ter as mesmas possibilidades de acesso à universidade. Entretanto, sabemos das desigualdades ainda existentes em nosso país, que exclui parcelas significativas da população do acesso à saúde e à educação de qualidade, entre outros bens sociais. É sabido que em nosso país, os jovens de famílias mais pobres, sobretudo os afrodescendentes, enfrentam dificuldades monumentais para experimentar o crescimento intelectual e para desenvolver plenamente suas habilidades no mercado de trabalho e na formação acadêmica. Assim, acho que o país precisa tomar decisões em relação a isso. Não tenho um modelo acabado, mas defendo que toda a sociedade busque as melhores soluções. É o que a Ufes está querendo fazer. E que seja o mais breve possível”